

SER AUTÊNTICO E INAUTÊNTICO EM MARTIN HEIDEGGER: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DO “*DASEIN*” NA CONTEMPORANEIDADE

Raone de Souza Barglini¹

Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o *Dasein* contemporâneo com base nos conceitos de autenticidade e inautenticidade de Martin Heidegger com o intuito de descobrir como se revela o homem nesse contexto diante de suas possibilidades. Para realizar essa análise, serão explorados os conceitos de Falatório, Curiosidade e Ambiguidade que caracterizam o Ser inautêntico do homem e os conceitos de Facticidade, Ser lançado no mundo com os outros e Ser para a morte para descrever o Ser autêntico para que, assim, baseados nesses conceitos, façamos uma análise do homem na atualidade. Para isso, o método utilizado na análise é o bibliográfico. Dentre os resultados mais importantes desta pesquisa, destacamos a inautenticidade do homem diante de sua realidade, fato que o torna um ser repetitivo, curioso e ambíguo, dando-lhe uma falsa ideia de autenticidade diante de suas possibilidades.

Palavras-chave: Homem contemporâneo. Dasein. Autêntico. Inautêntico. Possibilidade.

ABSTRACT

The present research has as objective to analyze the contemporary Dasein with base in concept of the authenticity and inauthenticity by Martin Heidegger with intent to reveals in this context opposit its possibilities. To realize this analyze, will be explored the gossip, curiosity and ambiguity concept. That characterize the being inauthentic of the person and facticity concept, to be released into the world with the

¹ Graduando do Curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: raonebarglini@gmail.com

² Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduação em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestrado em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana - Roma - (2006). Atualmente, é professor do Centro Universitário Salesiano de Vitória. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Filosofia Sistemática. E-mail: suderlantbinda@gmail.com.

others and to be death to describe the authentic people so what based in this concept, we can do an analyses of the person today. For this, the methos used in analyses will be the bibliographic. Among the results more important of this research detach the inauthenticity of the person in his reality, what come him a repetitive person, curious and ambiguit bring him a false idea of authenticity in theirs possibilities.

Keywords: contemporary person, Dasein, authentic, inauthentic, possibility.

1 INTRODUÇÃO

Martin Heidegger, nascido na Alemanha em 1889, na cidade de Messkirch, foi discípulo de Edmund Husserl, considerado o pai da fenomenologia. Foi professor na Universidade de Freiburg, onde, em 1933, assumiu o posto de reitor. Dentre seus muitos escritos, sua obra mais famosa foi *Ser e Tempo*, publicada em 1927 e dedicada ao seu professor e amigo Husserl. O principal objetivo de sua obra era analisar o homem com o intuito de encontrar o que ele chamou de ontologia fundamental, um conceito que investigava não o Ser, mas seu sentido, algo que estava no mais profundo do ser (HEIDEGGER, 1996). Em outras palavras, a sua busca era por uma estrutura inerente comum a todo *Dasein*.

Baseados nisso, esta pesquisa tem como tema O Ser autêntico e inautêntico: uma análise antropológica do *Dasein* contemporâneo, tendo como objetivo trabalhar a questão da autenticidade e inautenticidade, conceitos apresentados por Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*, que se referem a modos de Ser do *Dasein*. Para isso, o caminho a ser trilhado dá início na definição e exemplificação desses fenômenos, baseando-se em alguns conceitos descritos pelo autor para explicá-los. Em seguida, será feita uma análise do homem contemporâneo baseada nos conceitos descritos.

Existem vários conceitos que podem ser usados para definir homem autêntico e inautêntico, segundo Heidegger (2006), mas, para delimitar esta pesquisa e por ter um número máximo de folhas a serem escritas, vamos nos ater somente aos conceitos de palavrório, curiosidade e ambiguidade, para tratar do Ser inautêntico e dos conceitos de facticidade, ser lançados no mundo com os outros e ser para a morte como categorias que definem o Ser autêntico.

Heidegger, em seu pensamento, define o ser humano como *Dasein*, ou seja, ser-aí ou presença. Embora esse termo tenha sido utilizado por outros filósofos existencialistas para descrever a existência, Heidegger fez uso desse termo para descrever o homem como presença no mundo. De acordo com essa afirmação, usaremos nesta pesquisa, essas traduções para explicar a palavra *Dasein*, para que possamos ter acesso a diversas traduções que abordam seus escritos, como destaca a nota explicativa de sua obra *Ser e Tempo*.³

Desse modo, a pergunta que perpassa por toda a pesquisa e que a norteia é: de acordo com os conceitos de Martin Heidegger, como se revela o homem contemporâneo? Para que, assim, baseados no agir do homem contemporâneo e inspirados pela filosofia de Heidegger possamos chegar a uma conclusão.

Por se tratar exclusivamente do uso da literatura de Heidegger, bem como de seus comentadores presentes em artigos e livros, o método utilizado será o bibliográfico. Tal método consiste na pesquisa do assunto em artigos que tratam de análises dos temas e os relacionam com o homem, bem como o uso da literatura do próprio autor, que evidencia o seu pensamento (GIL, 2002). Embora sua obra seja vasta e de extrema importância, limitar-nos-emos, aqui, a analisar somente os tópicos que correspondam ao assunto.

Nesse contexto, dentre as possíveis hipóteses, o presente projeto destaca que o homem perde a sua autenticidade e esquece que fala do todo significado e, nesse sentido, começa a repetir o que todo mundo já diz. Um exemplo desse fenômeno é o efeito rebanho presente em nossa contemporaneidade em relação ao uso de certos medicamentos sem efeito comprovado pela ciência para curar uma doença ou, até mesmo, quando as pessoas começam a sair de casa despreocupadas com as medidas restritivas impostas pela pandemia da COVID-19. Uma vez que um grupo diz que não existem riscos em realizar tais ações, os demais começam a seguir essa ideia e a fazer o mesmo.

³ A palavra *Dasein* passa a ser usada na língua filosófica alemã no século XVIII como tradução da palavra latina *praesentia*. Logo em seguida passa também a traduzir o termo *existentia*, sendo por isso comumente usada no alemão moderno na acepção de existência [...]. É na presença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história, etc (HEIDEGGER, 2006, p. 561, grifo do autor).

Além disso, o homem contemporâneo está imerso na cultura do descartê, na qual ele experimenta algo hoje e amanhã busca algo novo, pois o que passou perdeu o sentido. Dessa forma, percebemos esse fenômeno na contínua mudança do universo da tecnologia e da moda, na qual as pessoas, em especial os jovens, empenham-se em acompanhar as tendências e passam pelas experiências com um único objetivo, atualizar-se, adquirindo, assim, mais conhecimento, mas, no fim, não adquirem conhecimento nenhum.

Logo, o ser humano deixa de exercer opinião própria, não faz suas próprias escolhas e é guiado pelas escolhas dos outros. Essa perda de sentido caracteriza um afastamento do homem de sua capacidade de ser no mundo. Nesse sentido, o homem cai na falsa ideia de que tem como garantia o conhecimento de si e dos outros. Assim, ele se perde nesse ideal e, ao contrário do que pensa, não conhece a si nem ao outro.

Ao apresentar o projeto e descrever suas hipóteses, notamos que esta pesquisa tem grande relevância para o conhecimento e para o questionamento sobre o agir do homem diante de suas possibilidades. Não existe um homem sequer que não precise se perguntar: como estão sendo minhas escolhas? Quem tem tomado minhas decisões?

A partir disso, constatamos a preocupação desta pesquisa com a relação do *Dasein* e o mundo onde ele vive, bem como sua relação com o outro. Embora o agir autêntico ou inautêntico seja apenas uma questão de escolha diante das possibilidades, é importante e necessário que o homem tome consciência dessas decisões.

2 SER INAUTÊNTICO

O ser inautêntico é caracterizado por um “estar no mundo” de forma com que se deixa levar pelas relações sem ser capaz de optar ou de decidir, vive baseado nas outras pessoas sem fazer escolhas ou tomar decisões que regem sua própria vida:

Tem uma vida *inautêntica* ou *banal* quem se deixa dominar pela situação, pelo ser-no-mundo, pelo “cuidado” com as coisas. Na existência inautêntica, o homem se serve das coisas [...], projeta o seu uso mediante a ciência, estabelece relações sociais com os outros homens etc. Mas as relações com os outros se tornam anônimas pela *bisbilhotice* [...] (MONDIN, 2003, p. 189, grifo do autor).

Assim, podemos dizer que um ser inautêntico vive em um estado ôntico de coisa, termo caracterizado como sendo um modo de vida superficial, quando o homem se contenta com as decisões tomadas pelos outros e se comporta como os outros. Nesse sentido, o homem, nesse estado, pode ser considerado “massa de manobra da sociedade”, pois vive no mundo sendo regido por outros.

Para definir o termo mundo, dizemos que “[...] ele não entende a natureza no conjunto dos seres materiais, mas o círculo de interesses, de preocupações, de desejos, de afetos, de conhecimentos, nos quais o homem se acha sempre imerso” (MONDIN, 2003, p. 188). Em outras palavras, entendemos todo o universo de entes e possibilidades presentes ao homem onticamente, o que Heidegger define como *Dasman*:

O primeiro passo consistiria, então, em elencar tudo o que está no mundo: casas, árvores, homens, montes, estrelas. Podemos *retratar* a “configuração” desses entes e *contar* o que neles e com eles ocorre. Mas é evidente que tudo isso permanecerá um “ofício” pré-fenomenológico que, do ponto de vista fenomenológico, não pode ser relevante (HEIDEGGER, 2006, p. 110, grifo do autor).

Dessa forma, sua busca não é pelo mundo ôntico e sim pela “mundanidade” do mundo: “Mundanidade é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo de ser-no-mundo. Este, nós o conhecemos como uma determinação existencial da presença” (HEIDEGGER, 2006, p. 111). A “mundanidade” do mundo busca, assim, a estrutura ontológica por trás do mundo.

Nesse contexto, podemos exemplificar melhor esse conceito quando pensamos em uma pessoa que pede para uma faxineira limpar o seu quarto e, ao fazer isso, ela acaba colocando alguns objetos em lugares diferentes do lugar de costume. Dessa forma, ao chegar a casa e se deparar com a mudança, a pessoa que fez o pedido perde alguns minutos de sua vida colocando os objetos de volta em seu lugar de costume. Em outras palavras, a mundanidade é o que garante ao homem que seu espaço seja único e, por isso, singular, a ponto de não poder ser mudado por ninguém.

Desse modo, para tratar da inautenticidade, começemos pelo conceito de Falatório, descrito por Heidegger como uma das possibilidades de o homem ser no mundo.

2.1 O FALATÓRIO

Heidegger define o conceito de Falatório, em sua obra *Ser e Tempo*, da seguinte forma:

[...] dado que a fala perdeu ou jamais alcançou a referência ontológica primária ao referencial da fala, ela nunca se comunica no modo de uma apropriação originária deste sobre o que se fala, contentando-se com *repetir e passar adiante a fala*. O falado na falação arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim como são porque é assim que delas (impessoalmente) se fala. Repetindo e passando adiante a fala, potencia-se a falta de solidez (2006, p. 232, grifo do autor).

É interessante essa definição do autor no que diz respeito a ação do homem em relação ao meio, pois ele apresenta o homem como um ser monótono, sem profundidade e incapaz de elaborar suas próprias ideias, limitando-se a repetir o que já está massificado no senso comum. Esse fenômeno é definido por Reale e Antiseri (1991, p. 585) como sendo [...] “uma espécie de vertigem”, ou poderíamos dizer uma espécie de cegueira social que retrata uma incapacidade de o homem aprofundar-se em questionamentos e opiniões diante de fatos, isso faz com que ele viva em uma espécie de patamar raso, mantendo-se sempre na superfície de sua profunda capacidade de diálogo com o mundo.

A falação não se restringe apenas à repetição oral da fala, mas expande-se no que escreve enquanto “escrivinhação” [...] Aqui, a repetição da fala não se funda tanto no ouvir dizer. Ela se alimenta do que se lê. A compreensão mediana do leitor *nunca poderá* distinguir o que foi haurido e conquistado originalmente do que não passa de mera repetição. E mais ainda, a própria compreensão mediana não tolera tal distinção, pois não necessita dela, já que tudo compreende (HEIDEGGER, 2006, p. 232, grifo do autor).

Nesse sentido, por achar que tudo compreende como afirma Heidegger, o homem age de forma inautêntica reduzindo sua capacidade de elaboração de consciência crítica em simples repetições e aceitação de coisas que são ditas dessa forma, porque sempre foram assim (REALE; ANTISERI, 1991). Oswaldo Giacoia Junior. (2013, p. 80-81) define e exemplifica esse fenômeno:

O *fatalório* domina a existência mundana do ser-o-aí no cotidiano, com o tagarelar e o opinar sobre tudo sem *nada a dizer*, o discurso que não compromete, nada afirma nem nega quanto ao essencial. A retórica da opinião pública e o politicamente correto são exemplos de *fatalório* impessoal, da fala inautêntica (grifo do autor).

Logo, essa impessoalidade descrita no trecho é uma boa definição para o Falatório, pois descreve uma vaga superficialidade do homem. Fábio Fonseca de Castro, ao comentar o tema, afirma, em seu artigo “Fenomenologia da Comunicação em sua

quotidianidade”, publicado em 2013 na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (p. 30):

O falatório é a atitude de compreender uma coisa sem apropriação prévia do assunto. Ele tem uma dimensão negativa, representada por sua banalidade, imprecisão e futilidade e, também, uma dimensão positiva, representada pela possibilidade de que, por meio dela, o Dasein compreenda, ou compreenda melhor, os fenômenos que ocorrem ao seu redor.

Desse modo, percebemos que o autor destaca um ponto positivo no Falatório, mas não podemos esquecer que esse fenômeno faz com que o homem também se distancie de seu ser ontológico, como o próprio autor afirma em seu artigo “O Dasein que se atém ao Falatório se distancia cada vez mais de seus vínculos ontológicos com o mundo. Ele se desenraiza” (CASTRO, 2013, p. 32).

Baseados nessas citações e aplicando à nossa realidade, dizemos que a propagação de *Fake News*, que são informações falsas lançadas nas redes sociais sem verificação ou confiabilidade das fontes, seria um exemplo de Falatório, pois faz com que o homem repita e compartilhe o que os outros falam sem ter consciência do que está falando, agindo por pura “tagarelice”.

Após análise do conceito de Falatório, passaremos para o conceito de Curiosidade, que dá continuidade a esse processo de inautenticidade do homem contemporâneo.

2.2 A CURIOSIDADE

O segundo termo apresentado por Heidegger é a curiosidade. Sobre esse termo, o autor afirma: “A curiosidade liberada, porém, ocupa-se em ver, não para compreender o que vê, ou seja, para chegar a ele num ser, mas *apenas* para ver. Ela busca apenas o novo a fim de, por ele renovada, correr para uma outra novidade” (HEIDEGGER, 2006, p. 236).

Já Oswaldo Giacoia Junior (2013, p. 80, grifo do autor), ao definir o termo, destaca:

A curiosidade é um desgarramento que consiste em alienar-se na bisbilhotice do que *interessa a todo mundo*, no que distrai, ao cativar a atenção de todo mundo. É estar à cata *novidade* – o que, por definição, significa estar condenado à infinita reposição, sob pena de deixar de ser o que é.

Assim, esse termo define o ser no mundo, que tem o desejo de vivenciar muitas situações pelo simples prazer de viver e, no fim, não vivencia nada. O que acontece com esse fenômeno é que o homem vai pulando de uma experiência para outra pelo

simples fato de experimentar, e não realiza nada de concreto em nenhum momento da experiência. Explica o autor:

Esse acurar em ver não trata de apreender e nem de ser e estar na verdade através do saber, mas sim das possibilidades de abandonar-se ao mundo. Por isso que a curiosidade caracteriza-se, especificamente, por uma *impermanência* junto ao que está mais próximo. Por isso também não busca o ócio de uma permanência contemplativa e sim a excitação e inquietação mediante o sempre novo e as mudanças do que vem ao encontro. Em sua impermanência, a curiosidade se ocupa da possibilidade contínua de *dispersão* (HEIDEGGER, 2006, p. 236-237, grifo do autor).

Dessa forma, nessa impermanência apresentada no trecho, podemos descrever o homem, mergulhado na curiosidade, como alguém que se deixa medir com a régua dos outros e, por assim dizer, está sempre baseado no outro para existir no mundo. Logo, “A curiosidade está em toda parte e em parte nenhuma. Esse modo de ser-no-mundo desvela um novo modo de ser presença cotidiana em que ela se encontra constantemente desenraizada” (HEIDEGGER, 2006, p. 237).

Portanto, por estar desenraizada, essa característica transforma o homem em alguém sem identidade própria e incapaz de descobrir em si seus próprios valores e, até mesmo, suas potencialidades. Em outras palavras, é incapaz de medir-se com sua própria régua e escolher o que é melhor para si mesmo. Como afirma também Renata Frederico Silva Araujo (2007, p. 6):

[...] através da compreensão/interpretação da visão como aquela que se ocupa do sempre novo, podemos vislumbrar um modo de ser que se caracteriza pela impermanência. Isso porque a curiosidade diz um modo que não consegue permanecer, ou ainda, demorar-se no horizonte que se pretende contemplar. A excitação e a inquietação que estabelecem tal impermanência movimentam essa visão em direção à novidade. Nessa busca desenfreada pelo novo sempre a assaltar esta visão, a curiosidade vê-se conduzida à dispersão e acaba por diluir e dissolver o Dasein entre horizontes infinitos por vislumbrar.

Por isso, baseado nessa impermanência apresentada no trecho, podemos evidenciar o fenômeno da curiosidade nas relações sociais, por exemplo, quando o homem começa a “pular de galho em galho” em suas relações, transformando sua atitude em um simples conhecer por conhecer que descreve a ausência que poderíamos chamar de “conhecer para ser”, o que demonstra um efeito de rebanho baseado na escolha do ser que optou por seguir a maioria e a não valorizar as experiências que vive:

O impessoal é que faz o falatório ser o que é: um discurso que impulsionado pela curiosidade lança o homem na última novidade ditada pela compreensão mediana da presença. Assim, não apropriamos de nada porque nos sentimos tentados sempre pelo que é novo e isto nos torna dispersos. Essa busca que se ocupa em sempre mudar do que aparentemente tomamos como velho, para o que se apresenta aos nossos olhos como novo é própria do fenômeno

da curiosidade. A dispersão vem com a tendência em ver o novo como o que é bom (FRANÇA, 2006, p. 3).

Assim, com a ausência de profundidade e de enraizamento, o ser no mundo passa a vida em busca do novo e do atual, o que na verdade jamais alcançará. Nesse sentido, conclui Heidegger:

A curiosidade, que nada perde, e a falação, que tudo compreende, dão à presença, que assim existe, a garantia de “uma vida cheia de vida”, pretensamente autêntica. Com esta pretensão, porém, mostra-se um terceiro fenômeno característico da abertura da presença cotidiana (HEIDEGGER, 2006, p. 237).

Na citação anterior, vimos o próximo conceito do autor, que descreve o ser inautêntico do homem, a Ambiguidade.

2.3 A AMBIGUIDADE

Como foi exposto anteriormente, o terceiro fenômeno da inautenticidade é o da Ambiguidade. Nela se evidencia uma espécie de “consequência” do homem que se abstém de sua responsabilidade de escolher, mergulhando, assim, na mesmice da sociedade. Destaca Heidegger:

Tudo parece ter sido compreendido, captado e discutido autenticamente quando, no fundo, não foi. Ou então parece que não o foi quando, no fundo, já foi. A ambiguidade não diz respeito apenas ao dispor e ao tratar com o que pode estar acessível num uso e numa fruição, mas já se consolidou no compreender como um poder-ser, no modo do projeto e da doação preliminar de possibilidades da presença (HEIDEGGER, 2006, p. 238).

Dessa forma, a ambiguidade dá ao homem uma falsa ideia de profundidade, pois “[...] oferece à curiosidade o que ela busca e confere à falação a aparência de que nela tudo se decide” (HEIDEGGER, 2006, p. 239). Assim, guiado pela repetição do Falatório e pela experiência da Curiosidade, o homem tem a ideia de estar discutindo assuntos importantes e realizando experiências inovadoras, contemplando, com profundidade, novos aspectos de sua vida, mas, no fundo, está somente preso e enraizado no que chamamos de “mesmice da massa”, que nada mais é que uma compreensão superficial do todo.

Essa questão foi explanada pela pesquisadora Caroline Martins de Sousa em seu artigo “O fenômeno da ambiguidade no pensamento de Martin Heidegger” (2007, p. 5):

[...] devido a esta forma ambígua em que se dá a presença cotidiana (de pensarmos que conhecemos a nós e aos outros, mas no fundo não

conhecemos) não podemos distinguir o “autêntico” do “inautêntico”. Ou seja, no cotidiano temos a pretensão de que tudo é compreendido e visualizado “autenticamente”. Isto é, aquilo que compreendemos e visualizamos é feito de forma original (única). Mas apesar de nos empenharmos pela autenticidade, o que temos é uma compreensão mediana, na qual se compreende tudo, porém de maneira superficial, (caráter ambíguo), pois não temos contato com o fundamento (origem) daquilo com que lidamos e nem nos apropriamos das coisas.

Como exposto pela autora, a reflexão sobre como é o conhecimento a partir do fenômeno da ambiguidade nos faz pensar que o homem se acostuma com as relações, com a certeza de que está avançando e, conseqüentemente, conhecendo a si e aos outros, mas, na verdade, o que está acontecendo é que a relação consigo e com os outros está fadada a constantes decepções, já que, no fim das contas, nada muda e a falsa ilusão de profundidade e conhecimento continua existindo:

Desse modo, no impessoal, o compreender da presença *não vê* a si mesmo em seus projetos, no tocante às possibilidades ontológicas autênticas. A presença é e está sempre “por aí” de modo ambíguo, ou seja, por aí na abertura pública da convivência, onde a falação mais intensa e a curiosidade mais aguda controlam o “negócio”, onde cotidianamente tudo e, no fundo, nada acontece (HEIDEGGER, 2006, p. 239, grifo do autor).

Nesse ínterim, percebemos que o homem está totalmente mergulhado no *Dasman*. Embora sinta viver uma vida completamente única e particular, no fundo, ele vive uma vida semelhante à vida dos outros, de forma ôntica e com uma falsa ideia de vida autêntica.

Na convivência cotidiana, vem ao encontro simultaneamente tanto o que é acessível à abertura primordial do *Dasein* quanto aquilo de que todos podem dizer qualquer coisa, de modo que não seja mais possível distinguir um do outro: eis a ambiguidade. Aquilo que parece ter sido originariamente compreendido, rigorosamente apropriado e autenticamente discutido, no fundo, não foi. Ou, inverso, aquilo que parece não ter sido compreendido, apropriado e discutido quando, no fundo, já foi (ALMEIDA; TOLFO, 2019, p. 474)

Nessa perspectiva, Giovanni Reale e Dario Antiseri (1991, p. 586) concluem: [...] “a individualidade das situações, em uma existência devorada pelo palavrorio e pela curiosidade, desvanece na neblina do equívoco. A existência inautêntica é existência anônima: é a existência do ‘se diz’ e do ‘se faz’”.⁴

Depois de analisarmos o *Dasein* de forma inautêntica, observada sua maneira particular de ser no mundo baseada na escolha do homem, passemos, agora, para

⁴ Aqui, é importante destacar que, embora diferentes, os termos palavrorio e equívoco correspondem ao Falatório (ou Falação) e à Ambiguidade, simultaneamente, como descritos anteriormente.

uma análise do ser do homem que faz a opção pela autenticidade diante da possibilidade.

3 SER AUTÊNTICO

O ser autêntico, por sua vez, destaca-se por um homem que busca responder questionamentos de seu próprio Ser, aprofundando e definindo sua vida, fazendo suas próprias escolhas e agindo a partir da sua estrutura fundamental.

Portanto, podemos definir autêntico quando o homem se faz aberto ao seu ambiente e dispõe-se a fazer as suas escolhas diante de suas possibilidades. Nessa toada, é a capacidade de pensar, desejar e fazer por si mesmo, ou em outras palavras, é “[...] reconhecer o ‘caráter terreno do próprio ser e antecipar a morte eventual em um espírito de angústia’ [...] mas com uma atitude de abertura e resolução [...]” (BUNNIN; JAMES, 2007, p. 921).

Baseado nessa afirmação, podemos pensar em um ser autêntico como um ser que se destaca por uma personalidade singular e única, com um jeito próprio de ser no mundo e que, acima de tudo, é livre diante de suas possibilidades.

Existir no modo da autenticidade é um *tornar-se*, porque o ser-o-aí, desde sempre, advém na linha temporal de um passado histórico que o precede, como membro de uma dada família e sociedade, em um ponto do espaço prévio a toda deliberação ou escolha (GIACOLA JUNIOR, 2013, p. 79, grifo do autor).

Também sobre esse tema, Battista Mondin (2003, p. 189. Grifo do autor) afirma:

Leva *vida autêntica* quem a assume como própria, quem a forja e a constrói segundo um plano próprio. Autêntica é a vida de quem ouve o apelo do futuro, as próprias possibilidades. E já que entre as possibilidades humanas a última é a morte, vive autenticamente somente aquele que leva em consideração a morte, a possibilidade de cessar de existir aqui.

Podemos afirmar, então, que a existência autêntica no mundo é disposta de diversos fatores positivos, pois expressa uma forma única de ser no mundo, apresentando, desse modo, o homem como sendo seu próprio modelo de existência. Uma vez lançado nesse mar de possibilidades (*Dasman*), ele, o homem, destaca-se e valida sua vida tomando decisões singulares e próprias de seu gosto.

Para apontar a autenticidade descrita pelo autor, descreveremos o homem como um ser lançado no mundo ou, em outras palavras, lançado faticamente.

3.1 A FACTICIDADE

A Facticidade evidencia o homem lançado em um determinado ambiente de forma fática. Nesse contexto, ele não tem opção de escolher onde irá existir, somente é lançado em uma realidade que já foi estabelecida por outras pessoas. Em relação a essa experiência da facticidade humana, explica o filósofo:

A presença existe faticamente. O que se questiona é a unidade ontológica de existencialidade e facticidade, e a copertinência essencial destas com relação àquela. A presença, em razão da disposição a que pertence de modo essencial, possui um modo de ser em que ela é trazida para diante de si mesma e se abre para si em seu estar-lançado (HEIDEGGER, 2006, p. 246)

Para compreendermos melhor esse conceito, imaginemos que a realidade, na qual vivemos faticamente, é como um jogo de tabuleiro, ou seja, após definida, a realidade existe com suas próprias regras. Logo, cada peça desse tabuleiro corresponde a uma condição da existência: o tempo e o espaço onde somos lançados, a nossa cor, situação socioeconômica, política, cultural e até o idioma. Dessa forma, somos os responsáveis por mover as peças desse tabuleiro à medida que vamos avançando no jogo. Baseados nessa analogia, podemos definir autêntico o *Dasein* que, diante do jogo de tabuleiro (que é sua própria vida), faz as suas jogadas e define a sua própria estratégia, escolhe seus gostos, seus objetivos e constrói sua própria personalidade, lançando-se no seu ser possível.

O estar-lançado, porém, é o modo de ser de um ente que sempre é ele mesmo as suas possibilidades e isso de tal maneira que ele se compreende nessas possibilidades e a partir delas (projeta-se para elas). O ser-no-mundo, ao qual pertencem, de maneira igualmente originária, tanto o ser junto ao que está à mão quanto o ser-com os outros, é sempre em virtude de si mesmo (HEIDEGGER, 2006, p. 246-247).

Dessa forma, Heidegger esclarece que tanto o lançar-se de maneira autêntica quanto de maneira inautêntica é forma válida e possível de existir no mundo. Para explicar esse tema, Heidegger (1996, p. 7) diz:

A facticidade consistiria no fato de o homem estar jogado no mundo, sem que sua vontade tenha participado disso. Para Heidegger, mundo não significa universo físico dos astrônomos, mas o conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa.

Essas condições são evidentes na Facticidade pelo fato de as situações histórico, culturais e sociais serem muito variadas de um lugar para outro e de uma pessoa para outra.

Logo, disposto em uma realidade, o homem pode iniciar sua vida tomando decisões que o definem, mas também pode deixar que outras pessoas ditem as próximas jogadas de seu tabuleiro, pode deixar-se levar pelo que todos falam e experimentam, achando que está vivendo por si mesmo.

Heidegger diz que o *Dasein* se determina cada vez como ente a partir de uma possibilidade que ele é e que, ao mesmo tempo e de alguma maneira, ele entende em seu Ser. Existir é já sempre ser jogado em um modo fático de Ser e, vendo-se jogado como possibilidade, o *Dasein* conquista o seu poder-ser a partir de *modos-determinados-de-ser*. *Dasein* compreende a si mesmo e aos entes circundantes, ele sempre está compreensivamente em relação ao Ser, mas tal modo de relação pode ser próprio ou impróprio. No modo próprio, como a palavra sugere, *Dasein* está atento a si mesmo, ao seu Ser, enquanto que no modo impróprio há uma fuga do Ser (SANTOS, 2016, p. 20, grifo da autora).

Nesse sentido, Oswaldo Giacoia Junior (2013, p.71. Grifo do autor), ao comentar sobre o tema, diz que “Ser-o-aí é *ex-sistência* contingente, fática” e explica:

Porque o ser-o-aí existe *lançado no Ser*, ele carece de definição essencial que conferiria finalidade ou necessidade à sua existência. Porque essa condição consiste em existir no mundo como um fato irremissível, ela não pode ser explicada ou reportada a nenhuma razão ou fundamento, pois o ser-o-aí é o grau zero (infundado) de toda compreensão e explicação possível (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 71, grifo do autor).

Nessa toada, conclui o autor supracitado: “Essa contingência é também originária, é a *facticidade* do ser-o-aí, decorrente de sua condição de projeto lançado [...] no ser como *ec-sistência*. Sua essência consiste em indefinidas possibilidades de ser” (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 71, grifo do autor).

Abordando esse tema, Marcelo Vial Roehle e Elza Dutra (2014, p.109) destacam:

O *Dasein* sempre compreende o ser em geral e o seu próprio ser de alguma maneira. Esta compreensão não é um conhecimento teórico, racional. Ela é prática, porque diz respeito ao modo de ser (verbo, ação). A compreensão se mostra naquilo que o ser humano faz, no lidar com a própria existência, providenciar algo em virtude de possibilidades mundanas.

Nesse contexto, baseado em suas próprias decisões, percebemos que, para além da teoria, o homem se constrói de forma prática e, aos poucos, vai determinando seu modo de ser no mundo, próprio, particular e autêntico, ou seu modo inautêntico, baseado na facticidade do outro.

Baseados nessas possibilidades, podemos analisar o homem que, ao ser lançado no mundo, tem a possibilidade de se relacionar com o outro e com o mundo de maneira autêntica ou de maneira inautêntica.

3.2 O SER LANÇADO NO MUNDO COM OS OUTROS

O segundo aspecto do Ser autêntico se dá após ele ser lançado no mundo de forma fática. Aqui, veremos como se dá a relação do *Dasein* com o mundo e com os outros, bem como suas possibilidades de ser autêntico ou inautêntico. Para definir esse conceito, afirma o pensador alemão:

O *estar-lançado* pertence à constituição de ser da presença como constitutivo de sua abertura. Nele desvela-se que a presença já é sempre minha e isso num mundo determinado e junto a um âmbito determinado de entes intramundanos determinados. A abertura é em sua essência, fática (HEIDEGGER, 2006, p. 292).

Nesse contexto, pensando na abertura do ser no mundo como uma condição fática, ou seja, já determinada, a tarefa do *Dasein* é de decidir como se dará essa sua relação no mundo. Podemos imaginar nosso jogo de tabuleiro mais uma vez: depois de vermos que as peças estão dispostas e que eu posso ou não decidir por mim mesmo qual será a próxima jogada, agora eu jogo esse jogo com outras pessoas, no sentido de me relacionar. Nesse contexto, eu sou capaz de trapacear e fazer com que o outro não tenha uma jogada justa e, assim, revelar-me um ser que manuseia o outro, ou posso deixar que ele escolha por si mesmo sua próxima jogada.

Assim, disposto de suas possibilidades, que o *Dasein* passa a se relacionar com o outro e com o mundo:

O ser-no-mundo já está sempre em decadência. Pode-se, portanto, determinar a *cotidianidade mediana da presença como ser-no-mundo aberto na decadência que, lançado, projeta-se e que, em seu ser junto ao “mundo” e em seu ser-com os outros, está em jogo o seu poder-ser mais próprio* (HEIDEGGER, 2006, p. 247, grifo do autor).

De fato, a partir do trecho de Heidegger, constatamos que, estando lançados no mundo, relacionamo-nos com o mundo e com os outros de maneira autêntica e original, destacando nossas escolhas e evidenciando nossas possibilidades. Aqui, podemos descrever o cuidado como uma atitude ontológica do ser, o qual, por natureza, o homem desempenha tanto com o mundo quanto com os outros em suas relações.

Ao comentar esse tema, Wolfgang Stegmüller (2012, p. 131) destaca:

O ser no mundo é, ao lado de um ser com utensílio objeto de cuidado, simultaneamente um ser com os outros homens. Ao “estar aí” pertence o “estar-com”. Os outros não são nem utensílios nem presenças, mas *estão bem aí com os outros*. O mundo do homem é um *mundo-com-os-outros*, seu ser é um *ser-com-outros*, o *ser-por-si* dos outro é um *estar-aí-com-outros*.

Eles não são objetos de cuidado da mesma forma que os utensílios, mas são objetos de *solicitude*; essa última expressão sem qualquer conotação ético-social que o termo possa conter e deve caracterizar o “estar-junto do ser existencial humano em oposição ao “estar-presentes-juntos” das coisas em geral [...] (grifo do autor).

A partir disso, dizemos que tratar o outro como um mero utensílio, comparando-o a um objeto do mundo, é uma atitude inautêntica do *Dasein*. É importante destacar, também, que essa atitude não passa de uma possibilidade baseada nas escolhas do homem, não evidenciando uma maneira certa ou errada de agir diante do mundo.

Assim sendo, uma vez que optamos por nos relacionarmos com os outros e com o mundo de forma inautêntica, percebemos a ação desses fenômenos, como aponta Heidegger (2006, p. 242):

A falação abre para a presença o ser, em compreendendo, para o seu mundo, para os outros e para consigo mesma, mas de maneira a que esse ser para... conserve o modo de uma oscilação sem solidez. A curiosidade abre toda e qualquer coisa, de maneira que o ser-em esteja em toda parte e em parte nenhuma. A ambiguidade não esconde nada à compreensão de presença, mas só o faz para rebaixar o ser-no-mundo ao desenraizamento do em toda parte e em parte nenhuma.

Por isso, a inautenticidade tira do homem a capacidade de ser no mundo própria ou, como destaca o trecho, revela uma possibilidade desenraizada. Para descrever melhor os efeitos do *Dasein*, que aceita ser com os outros e, mais que isso, ser “movido pelos outros”, Roehe e Dutra (2014, p. 110) afirmam:

Sendo-lançado num mundo-com, o *Dasein* já sempre se encontra num contexto de práticas e entendimentos medianos estabelecidos, que dizem respeito a como se deve conduzir a vida, ao qual Heidegger chama de impessoal. A convivência cotidiana, as rotinas socialmente partilhadas, o viver a vida como se costuma viver, como todos vivem absorvem a individualidade, o si-mesmo de modo que o “eu” não se sobressai como um ponto referencial para o agir, ficando velado na identificação com o “todo mundo”, na impessoalidade.

A partir disso, dizemos que, embora o “eu” do *Dasein* não se sobressaia, como afirmam os autores, o homem pode optar por trilhar esse caminho e se revelar um ser inautêntico.

Sofia Vanni Rovighi, ao falar sobre o Ser no mundo e o Ser com os outros, destaca:

O mundo no qual o homem existe é um conjunto de utensílios, de coisas a serem usadas, à mão [...], não de coisas a serem olhadas, de coisas presentes [...]. O ser no mundo é pois originariamente um *relacionar-se com...*, um *preocupar-se com...* [...] Outro existencial é um *ser-com* [...], ou seja, o ser uno em meio a outros, e é um caráter relacionado ao ser-no-mundo. De fato, os objetos do mundo remetem sempre a outros: o livro que uso foi comprado por Fulano, ou me foi dado por Sicrano; o barco é de um conhecido, ou então não sei de quem é, mas há sempre um *quem* (1999, p. 400, grifo da autora).

Logo, dizemos, então, que o *Dasein* é autêntico quando valoriza o outro com suas características e não o transforma em um mero objeto, preservando o mundo onde vive, com a consciência de que ele tem importância e valor para si mesmo. Ao contrário, o *Dasein* é inautêntico quando objetifica o outro e desconsidera sua presença no mundo e não dá valor (ou muitas vezes, pela ambiguidade acha que está dando valor, mas na verdade não está) à natureza, fazendo dela somente um lugar de uso e desuso.

Passamos, então, para a última definição de ser autêntico, que trabalharemos com base na obra de Heidegger, o Ser para a morte.

3.3 O SER PARA A MORTE

Agora, veremos a definição de autêntico e inautêntico no que diz respeito à morte. Heidegger define o tema morte como um projetar-se para possibilidades que não são factuais, ou seja, que não são definidas por ninguém. Sobre esse tema, ele descreve:

A morte é uma possibilidade ontológica que a própria presença tem de assumir. Com a morte, a própria presença é impendente em seu poder-ser *mais próprio*. Nessa possibilidade, o que está em jogo para a presença é pura e simplesmente seu ser-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais ser presença [...] A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade pura e simples da presença (HEIDEGGER, 2006, p. 326, grifo do autor).

Nesse íterim, percebemos que a morte se evidencia não como um acontecimento no fim da vida, mas como uma possibilidade que está presente durante toda nossa vida e que não é opcional a nenhum *Dasein*.

[...] entre as várias possibilidades, uma há diferente das outras, à qual o homem não pode escapar: trata-se da morte. Com efeito, eu posso decidir dedicar minha vida a um objetivo ou a outro, posso escolher uma profissão ou outra, mas não posso deixar de morrer. [...] Isso nos faz entender que, enquanto há o existente, a morte é possibilidade permanente e essa é a possibilidade de que todas as outras possibilidades tornem-se impossíveis (REALE; ANTISERI, 1991, p. 586, grifo dos autores).

Desse modo, não é possível escapar da possibilidade da morte. Entretanto, o *Dasein* pode escolher como lidar com ela e, ao invés de agir de forma autêntica e optar por considerá-la uma possibilidade, pode passar a vida tentando ignorá-la, transformando-a em um fato que põe fim à vida e que é característico da inautenticidade.

O se ignora a morte, porque a morte anula o mundo das ocupações e das preocupações cotidianas, e o homem que compreende a si mesmo com base neste mundo, ou seja, o homem que existe de modo inautêntico não pode

pensar na morte. Ao contrário, o homem que existe autenticamente olha de frente esta sua extrema possibilidade, esperando por ela. Existir autenticamente significa ter a coragem de sentir angústia diante da morte, da possibilidade do próprio não-ser, significa aceitar a própria finitude (ROVIGHI, 1999, p. 402, grifo da autora).

Conforme descrito, o ser inautêntico não é capaz de pensar na morte como uma possibilidade, sendo preferível viver com os olhos fechados para essa possibilidade. Já o ser autêntico encara e tem abertura para angustiar-se diante dela. Em outras palavras, o ser autêntico está constantemente se antecipando diante da possibilidade, que é a morte.

Sobre isso, Heidegger afirma: “No ser-para-a-morte, a presença relaciona-se *com ela mesma* enquanto um poder-ser privilegiado. Entretanto, o próprio da cotidianidade é o impessoal” (HEIDEGGER, 2006, p. 328). Sendo o impessoal uma característica própria da cotidianidade, é evidente a presença da inautenticidade como uma possibilidade de reação no que diz respeito à morte. Explica Heidegger (2006, p. 329):

A morte é sempre minha, de forma essencial e insubstituível, converter-se num acontecimento público que vem ao encontro do impessoal. A fala assim caracterizada refere-se à morte como um “caso” que permanentemente ocorre. Ele propaga a morte como algo sempre “real”, mas encobre-lhe o caráter de possibilidade e os momentos que lhe pertencem de irremissibilidade e insuperabilidade. Com essa ambiguidade, a presença adquire a capacidade de perder-se no impessoal, no tocante a um poder-ser privilegiado, que pertence ao seu ser mais próprio.

Com base nisso, podemos pensar a morte como uma possibilidade que existe por si e que é comum a todos, o que dá a cada um de nós a capacidade de viver e de se angustiar com ela, ou a pensar na morte como algo a ser evitado todos os dias, que pode impedir ou limitar minhas possibilidades. Sobre esse tema, Marco Aurélio Werle (2003, p. 110-111) comenta em seu artigo:

[...] o caráter aparentemente negativo da morte apenas se coloca quando a morte é tomada no sentido vulgar de ser o momento do término físico da vida. Mas há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser para a morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência.

Por isso, esse dado é importante no que diz respeito à forma com o *Dasein* lida com a possibilidade da morte, uma vez que ela não pode ser motivo de constante preocupação simplesmente pelo fato de existir, devendo ser encarada como uma possibilidade que é real e presente na vida de todos. Assim, dizemos que pensar autenticamente na morte é pensar na consciência de ser do homem, no sentido de

que, ao tomar a morte como uma possibilidade, ele naturalmente entende que ela está intrínseca à sua existência.

A partir da análise dos conceitos apresentados, conhecemos as possibilidades de Ser autêntico e inautêntico do *Dasein*. Dessa forma, agora, já compreendemos como se revela o *Dasein* contemporâneo diante de suas possibilidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos os conceitos embasados nos fenômenos descritos por Heidegger em sua obra *Ser e Tempo*, com objetivo de observar suas ações e decisões diante de suas possibilidades para chegar a uma conclusão no que diz respeito à sua autenticidade ou inautenticidade e descrever possíveis atitudes de superação para tais características, podemos dizer que o homem contemporâneo, em sua grande maioria, revela-se como um ser inautêntico. Embora pareça ser uma afirmação precipitada, é possível afirmar que essa é, de fato, a realidade.

Tratando-se de inautêntico, o homem pode ser descrito como um ser que está centrado no Falatório, ou seja, está constantemente repetindo palavras e conceitos ditos por outros, sem saber do que se trata, sem tomar consciência do que está falando, podendo, por vezes, ofender e insultar outras pessoas. A fala do homem contemporâneo tem um tom agressivo e repetitivo, pois fala do que não sabe e descreve o que não conhece. Nesse sentido, é evidente a intenção do homem pela opção de ser como “massa de manobra”, como um constante repetidor da ação dos outros. Nesse contexto, essa escolha o afasta de sua condição ontológica de Ser autêntico, considerando sua estrutura fundamental. Assim, o homem é capaz de escolher sair dessa condição quando começa a falar por conta própria, evidenciando sua própria opinião diante dos fatos e dos outros.

Logo, baseado na Curiosidade, o homem está perenemente experimentando algo pelo simples fato de experimentar, seja um novo visual, um novo corte de cabelo, uma nova gíria e, até mesmo, uma nova experiência amorosa. É explícita sua intenção em conhecer o máximo que puder no menor espaço de tempo possível, o que acarreta uma superficialidade exorbitante no que tange à sua relação com o outro, evidenciando situações líquidas e instáveis, como nos afirma Zygmunt Bauman (2000).

Percebemos, portanto, que a opção pela instabilidade da curiosidade leva o homem a viver com a ilusão de profundidade nas experiências. Tomar consciência do que está fazendo, buscar conhecer a sua realidade com concretude, evitar relações vazias e instáveis, além de buscar a valorização do que está vivendo no hoje, são exemplos do cotidiano que contribuem para que o homem faça sua escolha pela autenticidade diante de suas possibilidades.

Além disso, é nessa ilusão que se depara o homem ao descrevermos a sua Ambiguidade, no sentido de que ele está constantemente dividido. Enquanto acha que já passou por muitas experiências ou que tem conhecimento de assuntos relevantes para a sociedade, no fundo, não está a par de nada, pelo contrário, vive na fantasia de um saber vago e sem nada de novo. Além disso, o homem transforma o que é novo em algo vago e sem importância e vem constantemente transformando teorias e ideias já refutadas em novidade. Assim, ele se lança na ilusória e ignorante ideia de crescimento e conhecimento. Quando o *Dasein* passa a conhecer sobre o que se fala e saber o que se experimenta, ele não vive mais nessa instabilidade da ilusão. Em outras palavras, ele se enraíza e ganha forma, força e é capaz de opinar.

Por isso, como vimos e destacamos no decorrer desta pesquisa, é importante lembrar que todas as ações do homem estão baseadas em suas escolhas, no que diz respeito à Facticidade. Sendo lançado no mundo, o *Dasein* é capaz de decidir por si mesmo, manifestando seu desejo e poder de decisão, tendo autonomia diante do que está à sua frente, fazendo suas próprias “jogadas”, ancorado em sua estrutura ontológica. Em contrapartida, notamos que o homem hodierno não tem tomado suas próprias decisões, não tem escolhido suas próprias roupas, nem sua própria profissão. É evidente que, na contemporaneidade, o homem sequer tem sonhado os próprios sonhos para sua vida. Desse modo, sua construção e definição estão nas mãos de outras pessoas, sejam elas os próprios familiares, os chefes, os amigos ou o sistema (político, econômico, cultural, entre outros). Isso faz com que se torne mais difícil para o homem se relacionar com o outro e com o mundo, bem como com a morte, distanciando-se do seu Ser ontológico e se debruçando em seu Ser ôntico.

Assim, no que diz respeito às hipóteses de que o homem perde sua autenticidade à medida que se relaciona com o outro, repetindo o que todo mundo já diz vemos constantemente uma busca por novas experiências que são, para ele, mera curiosidade, além de deixar de exercer sua opinião e se basear nas opiniões dos

outros, sempre com a falsa ilusão de que está tendo autonomia, situações que foram confirmadas no decorrer desta pesquisa. Isso se deu pelo fato de, ao descrevermos os conceitos de ser inautêntico de Heidegger e aplicá-los ao homem contemporâneo, termos percebido uma realidade expressivamente igual. Esse fator demonstra uma opção do homem pela possibilidade de ser inautêntico no mundo em comparação à opção de ser autêntico.

Por isso, questionamo-nos como o homem contemporâneo pode se livrar da falsa e ambígua ilusão de que está agindo autenticamente quando, na verdade, não está, ou nos questionarmos se ele é capaz disso. Sobre isso, Heidegger esclarece que, para deixar de ser inautêntico, basta que o homem contemporâneo retome as suas categorias ontológicas, ou seja, lance-se no mundo e se encontre com o outro, fazendo, de sua facticidade, uma possibilidade de ser própria, lidando com a morte como uma possibilidade e não um fato.

Em suma, Heidegger diz que, para voltar à autenticidade, é necessário que o homem se lance verdadeiramente em suas possibilidades. Vale destacar que essa decisão de mudança e de retorno às suas categorias ontológicas é, no fundo, algo próprio da possibilidade de ser do *Dasein*. O que possibilita ao *Dasein* uma mudança do estado ôntico para o estado ontológico é o sentimento de angústia, que provoca no homem a inquietação e assim o faz querer retornar ao seu estado ontológico e agir ancorando-se novamente a sua estrutura fundamental.

Portanto, dizemos que essa reflexão tem grande relevância acadêmica, pois leva o homem a um profundo questionar-se a si mesmo. Além disso, ao ler esta pesquisa, refletimos sobre suas tomadas de decisão e suas relações atuais com o outro e com o mundo que, de maneira geral, estão cada vez mais frias. Concluímos, assim, com o desejo de que essa pesquisa desperte, em outros acadêmicos, o desejo de se aprofundar no tema e, quem sabe fazer, fazer uma análise do homem contemporâneo baseado em outros conceitos do filósofo Heidegger, que não foram descritos aqui, ou, quem sabe, pensar em novas formas do *Dasein* se revelar autêntico diante de todas as possibilidades dispostas no *Dasman*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rafael Ribeiro; TOLFO, Rogério. O conceito de inautenticidade no pensamento heideggeriano de *Ser e Tempo*. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 461-483, 2019.
- ARAUJO, Renata Frederico Silva. A cotidianidade do Dasein. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 2-9, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BUNNIN, Nicholas; JAMES, E.P. Tsiu. **Compêndio de filosofia**. 2. ed. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2007.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. Fenomenologia da Comunicação em sua cotidianidade. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 36, n. 2, p. 21-39, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1809-58442013000200002>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- FRANÇA, Karen Milla de Almeida. A noção de de-cadência no pensamento de Martin Heidegger. **Existência e Arte**, São João Del Rei, n. 2, p. 1-5, jan./dez. 2006.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Heidegger urgente**: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 10. ed. Tradução: Marcia Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2006.
- _____. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Pensadores).
- MONDIN, Battista. **Curso de filosofia**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do romantismo até nossos dias. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1991.
- ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, vol. 32, p. 105-113, 2014.
- ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea**: do século XIX à neoescolástica. Tradução: Ana Pareschi Capovilla. São Paulo: Loyola, 1999.
- SANTOS, Amanda Mendes Cavalcante dos. **A temática da facticidade em Heidegger**. TCC de filosofia, UFF, 36p. Niterói, 2016. Disponível em:

<<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/6821/TCC-AMANDAcompleto-e-corrigido.pdf;jsessionid=4A64548869F7017A76FF1A61383F39A9?sequence=1>>. Acesso em: 23 out. 2021.

SOUSA, Caroline Martins de. O fenômeno da ambiguidade no pensamento de Martin Heidegger. **Existência e Arte**, São João Del Rei, n. 3, p.1-7, jan./dez. 2007.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A filosofia contemporânea**: introdução crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional/Forense Universitária, 2012.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger.

Trans/Form/Ação, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/trans/a/JLXMqcxLdXLsBdmwKwFbTHg/?lang=pt>>. Acesso em: 01 nov. 2021.